

RICHARD H. POPKIN: ENTÃO, HUME LEU BERKELEY¹

Isabela Pereira da Cunha

Universidade Federal de Santa Catarina
isabelapereirac@live.com

Jaimir Conte

Universidade Federal de Santa Catarina
j.conte@ufsc.br

Há cinco anos atrás, nas palavras do Professor Flew, eu “sugeri audaciosamente que Hume nunca realmente leu Berkeley, ou pelo menos não em um sentido muito forte de *leitura*”.² Na minha discussão com os professores Wiener e Mossner no *Journal Philosophy*³, argumentei, entre outras coisas, que as evidências até então disponíveis eram insuficientes para estabelecer que Hume tinha lido Berkeley; que era mais provável que ele não tivesse lido do que o tivesse, e que Hume era melhor compreendido se visto não apenas como o sucessor de Berkeley, mas como o produto de muitas forças e fontes variadas. Assim que meu artigo “*Did Hume Ever Read Berkeley?*” [*Alguma vez Hume leu Berkeley?*] foi impresso, esperei com medo e temor que alguém apresentasse alguma carta de Hume ainda não publicada, descrevendo o que ele leu em Berkeley, ou uma cópia de uma obra de Berkeley anotada por Hume. Fiquei muito aliviado quando Mossner publicou sua tréplica e ele não tinha tais documentos em mãos. E fiquei ainda mais aliviado quando Wiener publicou uma nota sobre sua tentativa de encontrar evidências de que Hume foi instruído sobre a filosofia de Berkeley na Universidade de Edimburgo, mostrando que nenhum registro desse tipo foi encontrado⁴. O

¹ Texto original disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2021948?seq=1>

² Antony Flew, *Hume's Philosophy of Belief* (New York: Humanities Press, 1961), p. 261.

³ Richard H. Popkin, “Did Hume Ever Read Berkeley?” neste *Journal*, 56, 12 (June 4, 1959): 535-545; Philip P. Wiener, mesmo título, mesma edição: 533-535, também 58, 8 (Apr. 13, 1961): 207-209, e 58, 12 (June 8, 1961): 327-328; Ernest Campbell Mossner, 56, 25 (Dec. 3, 1959): 992-995; e Antony Flew, 58, 2 (Jan. 19, 1961): 50-51.

⁴ Wiener, *op. cit.*, 58, 12 (8 de junho de 1961): 327-328. Wiener apontou para as principais evidências históricas positivas ou sugestivas de que Hume leu Berkeley, nomeadamente, as referências a Berkeley na discussão de Hume sobre ideias abstratas no *Tratado* e na discussão do ceticismo na *Investigação*, e o fato de que alguns dos professores de Hume em Edimburgo estavam discutindo as opiniões de Berkeley e aparentemente se

silêncio nos anos seguintes, mais as indicações de que eu tinha conseguido abalar as pessoas quando começaram a discutir o trio Locke-Berkeley-Hume⁵, me deu uma sensação de falsa segurança sobre minha “sugestão audaciosa”. E agora, finalmente aconteceu. Uma carta de Hume recentemente descoberta no Museu Czartoryski da Cracóvia parece resolver a questão decisivamente e lançar muita luz sobre os interesses e envolvimento de Hume na época em que ele concluiu o *Tratado*.

Em um número recente do *Archiwum Historii Filozofii i Mys'li Społecznej* do Instituto Filosófico e Sociológico da Academia Polonesa de Ciências, Tadeusz Kozanecki publicou três cartas de Hume para Michael Ramsay (26-31 de agosto de 1737; 3 de maio de 1755; e maio-junho de 1755); duas cartas de Hume para seu sobrinho, David Hume (21 de janeiro de 1776; e 20 de maio de 1776); e uma de Adam Smith para Hume (9 de maio de 1775). Essas cartas foram dadas pelo sobrinho de Hume, David, à princesa Isabella Czartoryski (1742-1835), que montou uma rica coleção literária e artística em Pulawy. Em 1790, o sobrinho de Hume enviou as cartas à princesa quando ela estava em Londres.⁶

A carta mais antiga foi escrita logo após Hume deixar La Flèche, carregando seu manuscrito recém-concluído do *Tratado*, com o qual ele esperava ganhar fama.⁷ Ele estava escrevendo para seu amigo íntimo Michael Ramsay⁸. O texto, publicado por Kozanecki, afirma:

Meu caro amigo,

Saí de La Fleche dois dias depois de receber sua carta. Agora estou em Tours, a caminho de Paris, onde não pretendo ficar por muito tempo, a menos que algum acidente extraordinário aconteça. Por isso proponho vê-lo em Londres, daqui a 3 ou 4 semanas. Você pode ter certeza de que este encontro me proporcionará uma grande satisfação, e é com grande preocupação que

correspondendo com Berkeley sobre elas. Em meu artigo original, tentei mostrar que isso não estabelecia que Hume ele mesmo havia realmente lido Berkeley. Deve-se afirmar que nem Wiener nem Mossner sustentaram a visão simplista de que Hume era meramente um sucessor de Berkeley, e todos nós, até certo ponto, concordamos que Hume deveria ser estudado em um contexto mais amplo da história intelectual do que apenas o da sequência Locke-Berkeley-Hume.

5 Por exemplo, ver Charles W. Hendel, *Studies in the Philosophy of David Hume* (Nova York: Bobbs-Merrill, 1963), pp. 47n-48n; e John H. Randall, Jr., *The Career of Philosophy* (New York: Columbia Univ. Press, 1962), pp. 629n-630n.

6 Tadeusz Kozanecki, “Dawida Hume’a Nieznane Listy w Zbiorach Muzeum Czartoryskich (Polska),” *Archiwum Historii Filozofii i My'sli Społecznej*, (1963) (*Religie Racjonalne. Studia z filozofii religii xv-xvii w*): 127-141.

7 Mossner, em sua *The Life of David Hume* (Austin: Univ. of Texas Press, 1954), não dá uma data exata para a conclusão do *Tratado* ou para a partida de La Flèche, e apenas afirma que a obra foi concluída em meados de 1737, e que Hume estava de volta a Londres no início de setembro de 1737; cf. pp. 104-105.

8 Michael Ramsay era um amigo de infância de Hume em Edimburgo, e Mossner o descreve como “o amigo mais íntimo de Hume” (*Life*, p. 60). A primeira carta conhecida de Hume é para Ramsay, em 4 de julho de 1727. Sua amizade continuou por muitos anos.

ouço que você deixará a cidade pouco depois da minha chegada. Nada pode ser mais útil e agradável do que ter um amigo íntimo durante qualquer momento crítico da vida, como este em que estou prestes a entrar. E devo certamente considerar uma grande perda ser privado de seus conselhos, tanto em relação à minha conduta e comportamento quanto em questões de crítica e aprendizagem. Posso garantir que tenho grande confiança em seu julgamento, mesmo nesta última questão, embora o estado da sua saúde e dos negócios nunca tenha permitido que você fosse um estudante regular, nem que se dedicasse a qualquer parte do estudo de maneira metódica, sem a qual é quase impossível fazer um grande progresso. Submeterei todas as minhas realizações ao seu exame e, para que você as compreenda com mais facilidade, peço que, se tiver tempo livre, leia uma vez *Le Recherche de la Verité* do Padre Malebranche, os *Princípios do Conhecimento Humano*, do Dr. Berkeley, e alguns dos artigos mais metafísicos do *Dicionário* de Bayle; como os [... dedicados a] Zenão e Spinoza. As *Meditações* de Descartes também seriam úteis, mas não sei se você as encontrará facilmente entre seus conhecidos. Esses livros farão com que você compreenda facilmente as partes metafísicas do meu raciocínio e, quanto ao resto, eles têm tão pouca dependência de todos os sistemas anteriores de filosofia, que o seu bom senso natural lhe proporcionará luz suficiente para julgar sua força e solidez.

Serei obrigado a colocar todos os meus documentos nas mãos do Chevalier Ramsay quando for a Paris; o que eu realmente lamento. Embora ele seja livre-pensador o suficiente para não se chocar com a minha liberdade, ele é tão ligado a sistemas extravagantes, e é tão pouco filósofo, que não espero nada dele além de cavilações. Eu até me fortaleço contra sua desaprovação e estou decidido a não ficar nem um pouco desencorajado por ela, se eu tiver a oportunidade de me encontrar com ele. Todos os conselhos são bons de se seguir, diz o cardeal de Richelieu. Os bons são bons por si mesmos. Os maus confirmam os bons e lhes dão nova força. Isso é especialmente mais verdadeiro em obras do saber e da filosofia, onde objeções frívolas e raciocínios ruins nos dão sempre [!] uma maior segurança na verdade.

Passo agora a tratar da passagem de sua última carta, na qual você parece duvidar tanto de minha amizade presente quanto de sua continuidade. Não consigo imaginar em quê tal dúvida possa estar fundada. Você conhece meu temperamento o suficiente para não esperar nenhum afeto romântico de mim. Mas constância, igualdade, fidelidade e uma boa vontade sincera você pode justamente esperar e nunca ficará desapontado. Você fala do meu progresso superior nas ciências. Não sei até que ponto pode haver um fundamento para o que você diz. Devo me convencer de que há algum fundamento para isso, a fim de apoiar minha coragem diante dessa situação perigosa em que me coloquei. Mas, seja como for, tenho conhecimento científico suficiente para saber que um homem que é incapaz de gratidão e amizade está em uma condição muito desoladora, qualquer que seja a habilidade com que tenha sido dotado e qualquer que seja a fama que possa adquirir.

÷

Não consegui enviar esta carta em Tours, de modo que eu a termino em Orleans, embora não tenha mais nada a acrescentar, a não ser a garantia de minha boa vontade e amizade. Sei que isso será mais satisfatório para você do que quaisquer descrições de campos e edifícios que encontrei em meu caminho. Além disso, poderei em breve satisfazer sua curiosidade sobre esse assunto, se você tiver algum interesse. Adeus.

Orleans, 31 de agosto de 1737⁹

Embora alguém possa argumentar perversamente que o conselho de Hume ao jovem Ramsay para ler Malebranche, Berkeley, Bayle e Descartes, se quisesse entender as partes metafísicas de Hume, não prova de forma incontestável que Hume leu todas as obras em questão,¹⁰ eu não o farei. Em vez disso, devo admitir o mais seriamente possível que agora parece definitivo que Hume estava ciente do conteúdo dos *Princípios* de Berkeley e que, com base nas evidências agora disponíveis, não seria mais audacioso, mas sim tolo, perguntar “Alguma vez Hume leu Berkeley?”

A carta contém muitos pontos interessantes e intrigantes sobre as fontes, as influências e a natureza dos pontos de vista de Hume na época da conclusão do *Tratado*.

A conjunção da *Recherche de la Verité* de Malebranche, dos *Princípios* de Berkeley e dos artigos de Bayle sobre Spinoza e Zenão é estranha na tradição interpretativa de Locke-Berkeley-Hume. Locke não é mencionado, embora certamente tenha grande importância no prefácio e na Parte I do *Tratado* de Hume. Os artigos de Bayle figuram muito nas Partes II e IV, enquanto Malebranche domina a famosa seção XIV da Parte III, “Sobre a ideia de conexão necessária”. Os moralistas escoceses, citados por Hume como seus predecessores no prefácio e que influenciaram em boa medida seu naturalismo na Parte III, estão completamente ausentes. Descartes como uma reflexão tardia também é surpreendente, à luz de como vemos agora a história da filosofia moderna. (E a indicação de que seria mais difícil encontrar uma cópia das *Meditações* de Descartes do que uma cópia de Malebranche, Berkeley ou Bayle também é um pouco surpreendente.)

9 Kozanecki, *op. cit.*, pp. 133-134.

10 Há também uma carta de Lord Monboddo a James Harris, de 18 de junho de 1769, na qual ele diz que leu Berkeley depois de ter ouvido “David Hume dizer que seus argumentos [os de Berkeley] são absolutamente irrespondíveis.” Ver William Knight, *Lord Monboddo and Some of His Contemporaries* (Londres: Dutton, 1900), p. 51. O comentário de Monboddo sobre a leitura de Berkeley foi: “Não posso deixar de dizer que é o mais pobre sofisma que já vi, composto por um homem que parece sincero”.

Uma possível explicação reside no conteúdo do próximo parágrafo. O *Chevalier Ramsay*, a quem Hume havia visitado quando esteve na França pela primeira vez,¹¹ estava extremamente interessado nas ideias de Bayle, Malebranche e Spinoza, e era bastante crítico em relação a Berkeley. Ramsay não estava muito preocupado com os moralistas escoceses ou com a tradição empírica (se é que havia uma naquela época), mas estava extremamente preocupado com a metafísica e o ceticismo, e com a crise na busca do conhecimento metafísico engendrada tanto por Bayle quanto por Malebranche¹². A observação inexplicada de que “Serei obrigado a colocar todos os meus documentos nas mãos do *Chevalier Ramsay* quando for a Paris”, confirma a opinião, que alguns de nós tínhamos, de que o muito curioso *Chevalier Ramsay* foi uma grande influência sobre Hume durante o período do *Tratado*. Eles tinham pontos de vista notavelmente semelhantes e notavelmente divergentes, mas passaram a ter uma opinião negativa das filosofias um do outro¹³ (as expectativas de Hume sobre a reação de Ramsey ao *Tratado* foram totalmente confirmadas). O fato de Hume ser obrigado a mostrar seu manuscrito para Ramsay definitivamente merece investigação e consideração, e indica que seu relacionamento nessa época era muito mais do que um conhecimento casual¹⁴. Ramsay havia sido um pirrônico, um místico convertido ao catolicismo, o secretário de Fénelon, o tutor de Bonnie Prince Charlie, o Grão-Mestre dos Maçons Livres, um autor muito bem-sucedido e um estranho metafísico e teólogo. O jovem Hume foi vê-lo assim que chegou à França cheio de entusiasmo por seu grande projeto. Ramsay parece ter discutido assuntos

11 As relações de Hume com o Cavalheiro Andrew Michael Ramsay (1686-1743) são discutidas em Mossner, *Life*, pp. 93-97. Para obter mais detalhes biográficos sobre Ramsay, ver G. D. Henderson, *Chevalier Ramsay* (Edimburgo: Nelson, 1952).

12 Algumas das opiniões de Ramsay são discutidas em R. H. Popkin, “David Hume and the Pyrrhonian Controversy”, *The Review of Metaphysics*, 6 (1952-53): 65-81; outras em um artigo futuro de Herbert Schneider. Um aluno meu, Leonard A. Hitchcock, está preparando uma dissertação sobre a filosofia de Ramsay, especialmente sobre seus pontos de vista sobre a causalidade que parecem ter influenciado Hume.

13 Em 1742, Ramsay, em uma carta ao Dr. John Henderson, escreveu sobre Hume: “Pelo pouco que ouvi e li daquele jovem cavalheiro, ele me parece estar longe de ser um verdadeiro mestre da metafísica ... Essa centelha brilhante e engenhosa não me parece ter adquirido um estoque suficiente de aprendizado sólido, nem ter nascido com um fundo de sentimentos nobres, nem ter um gênio capaz de toda aquela atenção geométrica, penetração e justiça necessárias para fazer um verdadeiro metafísico. Receio que seu espírito seja mais vigoroso do que sólido, sua imaginação mais luminosa do que profunda, e que seu coração esteja muito disperso com objetos materiais e autoidolatria espiritual para penetrar nos recantos secretos das verdades divinas... Ele me parece um daqueles filósofos que pensam em criar sistemas, apenas com base em sua própria mente, sem qualquer consideração pela religião, antiguidade ou tradição sagrada ou profana.” Citado em Mossner, *Life*, pp. 94-95. Como indica a carta a Michael Ramsay, Hume já tinha uma opinião negativa do *Chevalier* como um pensador sério. Uma nota na *História natural da religião* de Hume, de 1757, reafirmou isso de uma maneira mais suave. Compare Hume, *The Philosophical Works of David Hume*, ed. Green & Grose (Londres: Longmans Green, 1874-5), vol. IV, p. 355n.

14 Mossner, *Life*, pág. 95, indica que, no momento da escrita da carta para Stevenson, em 24 de agosto de 1742, Ramsay ainda não havia lido o *Tratado* publicado. Ele havia recebido uma cópia de Hume cerca de quinze meses antes, mas Ramsay alegou que não teve “tempo nem saúde para ler uma obra tão obscura, sombria e intrincada”. Ele disse então que pretendia lê-lo quando fosse a Bolonha. A parte da carta de Ramsay, citada na nota 12, indica que ele havia lido algo de Hume, talvez parte do manuscrito do *Tratado* ou algumas cartas agora perdidas.

com ele, orientando-o e aconselhando-o, e talvez influenciado-o muito, de modo que o produto final foi uma combinação das preocupações originais de Hume e aquelas que ele adquiriu durante seu período “Ramsayano”. Se Ramsay contou a Hume o que disse a outros sobre o *Tratado*, pode-se entender a preocupação de Hume quando mais tarde enviou a obra a Desmaizeaux e pediu a este último que lhe dissesse francamente se achava a obra suficientemente inteligível, verdadeira e toleravelmente bem escrita.¹⁵

Deixando Ramsay de lado, uma vez que Hume realmente leu Berkeley, o problema ainda permanece: por que há tão poucos traços de Berkeley nos escritos de Hume? Apesar desta nova carta, Berkeley ainda não aparece nos cadernos de Hume que possuímos, escritos durante o período de 1727-1740. Berkeley é mencionado apenas três vezes no total das obras publicadas de Hume. Nenhuma doutrina de Berkeley é usada por Hume para estabelecer qualquer de suas próprias visões, e onde Hume e Berkeley chegam mais perto de discutir o mesmo assunto ou sustentar a mesma visão, Hume não usa os termos de Berkeley nem os menciona. Por outro lado, Bayle, e muitas vezes Malebranche, podem ser encontrados em todo o *Tratado*, e a influência da Lógica de Port-Royal, de Ramsay e outros, não é difícil de discernir. Isso, sugiro, ainda indica que Hume não se considerava o sucessor de Berkeley, nem Berkeley foi a principal influência sobre ele. O desenvolvimento de Hume faz mais sentido, acredito eu, em termos do complexo de pensadores com os quais ele disputou, como Bayle, Malebranche, Descartes, Berkeley, os moralistas escoceses, o estranho Chevalier Ramsay, talvez o bispo Huet e outros. Em meu artigo original, afirmei: “A mente de Hume se torna muito mais interessante e estimulante quando vista em termos das múltiplas questões e tradições de seu tempo.” Minha conclusão precipitada: “Quão mais ousada se torna a figura de Hume nesse rico contexto do que quando ele é visto apenas como o sucessor extremamente inteligente de um Berkeley, que ele provavelmente nunca leu!”¹⁶ deve ser obviamente alterada um pouco. Portanto, Hume leu Berkeley, mas, ainda assim, parece ter desenvolvido suas opiniões a partir de um contexto mais amplo, no qual Berkeley desempenhou no máximo um pequeno papel. Uma vez que se conceba Hume sem Berkeley – como certamente podemos fazer –, e Berkeley sem Hume, ambos os filósofos ganham muito como pensadores originais e individuais, oferecendo respostas únicas para o rico complexo de problemas e questões de seu tempo. Eles não precisam mais ser lidos apenas como um preparando o terreno para o outro, e como o meio e o fim do trio Locke-Berkeley-Hume. Talvez minha “audaciosa” sugestão

15 Carta de Hume para Pierre Desmaizeaux, 6 de abril de 1739, em J. Y. T. Grieg, *The Letters of David Hume* (Oxford: Clarendon Press, 1932), vol. I, p. 29

¹⁶16 Popkin, “Did Hume Ever Read Berkeley?” p. 545.

original tenha ajudado a nos libertar das amarras de uma interpretação rígida e agora, por meio de uma sondagem mais aprofundada de documentos, como esta carta recém-descoberta de Hume, possamos avaliar as contribuições de Hume e Berkeley com mais proveito e melhor compreensão histórica.

Richard H. Popkin
University of California, San Diego

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

POPKIN, R. 1964. So, Hume Ever Read Berkeley? In: *The Journal of Philosophy*. Volume LXI, número 24, pp. 773-778.

<https://doi.org/10.2307/2023392>